



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA PARA  
CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO**

**SIAYCA SHIRLEY SARMENTO**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA: O FAZER DE UMA ESCOLA**

**SUMÉ – PB  
2011**

**SIAYCA SHIRLEY SARMENTO**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA: O FAZER DE UMA ESCOLA**

**Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como requisito parcial para obtenção de título de especialista.**

**Orientadora: Professora Ms Kátia Patrício Benevides Campos**

**SUMÉ – PB  
2011**

S246p Sarmiento, Siayca Shirley.

A prática pedagógica contextualizada: o fazer de uma escola. / Siayca Shirley Sarmiento. – Sumé - PB: [s.n], 2011. 58 f; Il.

Orientadora: Professora Kátia Patrício Benevides Campos.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Curso de Especialização em Educação Contextualizada para convivência com o Semiárido Brasileiro.

1. Currículo. 2. Aprendizagem. 3. Educação contextualizada. I. Título.

CDU: 37(043.3)

**SIAYCA SHIRLEY SARMENTO**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA: O FAZER DE UMA ESCOLA**

**Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Contextualizada para Convivência com o Semiárido Brasileiro da Universidade Federal de Campina Grande / Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, como requisito parcial para obtenção de título de especialista.  
Área de Concentração: Educação**

**Aprovado em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2011**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor Ms. Kátia Patrício Benevides Campos  
UAEDUC/CDSA/UFCG  
Orientadora**

---

**Professora Ms. Shirley Neves Porto  
UAEDUC/CDSA/UFCG  
Examinadora**

---

**Professora Ms. Maria José Neves Amorim  
UEPB / MONTEIRO  
Examinadora Externa**

**Sumé – PB  
2011.**

***“Aos meus pais, que me propiciaram uma vida digna onde eu pudesse crescer, acreditando que tudo é possível, desde que sejamos honestos, íntegros de caráter e tendo a convicção de que desistir, nunca seja uma ação contínua em nossas vidas; que sonhar e concretizar os sonhos só dependerá de nossa vontade.”***

***Dedico.***

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por ter me dado dons e tudo mais o suficiente para que eu pudesse chegar a este estágio. Sei que “tudo posso naquele que me fortalece”.

**Aos meus familiares**, a quem devo parte do que tenho e do que sou, agradeço a dedicação e amor recebido sempre.

Ao meu irmão **Antonio Carlos** e minha irmã **Sued Sheila**, pela paciência, estímulo e apoio recebido durante esta jornada.

A minha querida amiga, **Maria Auxiliadora** que, incondicionalmente, me ajudou na concretização desse sonho com sua experiência, dedicação, disposição e carinho.

A minha orientadora **Kátia Patrício**, pela oportunidade, orientação, incentivo e apoio.

Aos funcionários e alunos da escola Baraúnas, que se disponibilizaram a me ajudar nesse momento tão importante.

Enfim, aos amigos, colegas e a todos aqueles que colaboram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Aqueles que acreditaram em mim, muito obrigada!

Para Messias: *“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”* (Fernando Pessoa).

*"Sem a curiosidade que me move, que me inquieta,  
que me insere na busca, não aprendo nem ensino".  
(Paulo Freire)*

## RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que propôs compreender a prática pedagógica contextualizada da escola Municipal Baraúnas, localizada na cidade de São José do Egito - PE. Objetivamos saber como os professores e alunos concebem a educação contextualizada na relação com as experiências vivenciadas com o campo. Analisamos se a prática pedagógica é contextualizada na perspectiva da convivência com o Semiárido, buscando compreender se seu fazer pedagógico está concatenado com a vivência com o campo. Foram discutidas as concepções dos professores e alunos do Ensino Fundamental I sobre a educação contextualizada e suas vivências. Como técnica de coleta de dados foram utilizadas a entrevista/ semi-estruturada / observação participante. Os resultados apontam que a equipe da escola está caminhando em direção da prática pedagógica contextualizada conquistando seu espaço através dos projetos que estão inseridos na escola valorizando suas raízes e sua verdadeira história dentro de uma postura crítica que condiz com a realidade do semiárido.

**Palavras- chave:** Currículo. Aprendizagem. Educação Contextualizada

## ABSTRACT

This work is the result of a search that proposed to understand the pedagogical practice of contextualized Baraúnas Municipal School, located in the city of St. Joseph of Egypt. We endeavor to learn how teachers and students conceive education contextualized in relation with the experiences experienced with the field. We analyze the pedagogical practice in context of the school from its knowledge to the analysis and understanding of reality to a greater improvement of a pedagogical do concatenated with the experience with the field. We'll discuss the ideas of teachers and students of elementary education I contextualized and their experiences. It is a qualitative research by this to worry about a level of reality that cannot be quantified. We work with the interview structured way through a specific route contemplating the objectives of the study; the participant observation and documentary analysis; subject of research professor, Coordinator, Director and students. The theoretical-methodological research is based on the historical-critical education. As a technique for data collection were used to interview / semi-structured / participant observation. The results show that the school team is moving toward contextualized pedagogical practices conquering its space through projects that are inserted at the school emphasizing their roots and their real history in a critical position that matches the reality of semi-arid areas.

**Keywords:** Curriculum. Learning. Education Contextualized

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO.....	11
1.2	OBJETIVOS.....	11
1.3	CAMINHO PERCORRIDO.....	12
1.4	SUJEITOS DA PESQUISA.....	13
<b>2</b>	<b>A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA: UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO.....</b>	<b>15</b>
2.1	CURRÍCULO E ESCOLA.....	16
2.2	CURRÍCULO E APRENDIZAGEM.....	20
<b>3</b>	<b>O SEMIÁRIDO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....</b>	<b>23</b>
3.1	O SEMIÁRIDO EM UMA PERSPECTIVA CONTEXTUALIZADA.....	24
3.2	CARACTERÍSTICAS DO SEMIÁRIDO.....	31
<b>4</b>	<b>PROBLEMATIZANDO O FAZER PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS.....</b>	<b>34</b>
4.1	CONHECIMENTOS E SABERES NA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA	35
4.2	A IMPORTÂNCIA DO SEMIÁRIDO PARA EDUCADORES E ALUNOS....	39
4.3	A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS....	41
4.4	ABOLIÇÃO: QUE LIBERDADE É ESSA? UM TEMA GERADOR.....	46
4.5	HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO/PE.....	47
4.6	UM POUCO DA ROTINA DA ESCOLA.....	49
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
		<b>85</b>
	<b>APÊNDICE A - QUESTÕES DA ENTREVISTA DA PROFESSORA, COORDENADORA E DIRETORA</b>	
	<b>APÊNDICE B - QUESTÕES DA ENTREVISTA APLICADA AOS ALUNOS.</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

Considerando as diferentes formas de vida dos sujeitos e suas relações com o processo educacional, questões sobre contextualização passam a ser uma importante discussão para a prática pedagógica na escola no contexto da vivência com o campo. A importância se dá pela necessidade de incorporação dos saberes vivenciados pelos sujeitos que compõem o espaço escolar, podendo ser mais bem apreendidos quando assumem modos de vida e valores que fazem parte da comunidade local. Embora reconheçamos a importância da incorporação dos diferentes modos de vida na escola, precisamos dialogar os saberes específicos de cada comunidade levando em consideração conhecimentos globais, uma vez que ambos fazem parte de um contexto maior e de uma cultura que tem elementos universalizados.

Nessa dimensão, consideramos a necessidade de uma discussão sobre a contextualização como uma prática pedagógica comprometida com a construção do conhecimento, possibilitando melhor significado ao que é aprendido na escola. Podemos almejar o trabalho escolar como algo que deve ter significado para vida dos sujeitos, ou seja, o vivenciado na escola necessita da relação com o cotidiano de forma que o contexto esteja mais presente na vida dos educadores e educandos.

Esta pesquisa propõe conhecer a prática pedagógica da Escola Municipal de Baraúnas, localizada no município de São José do Egito/PE, uma vez que trabalha numa dimensão pedagógica contextualizada. O interesse do estudo surgiu do desejo de conhecer a prática pedagógica contextualizada da referida escola para compreender seu funcionamento e os desafios propostos. Perguntamo-nos como os professores e alunos concebem a educação contextualizada na relação com as experiências vivenciadas com o campo? Desse modo, analisaremos a prática pedagógica contextualizada da referida escola a partir do seu conhecimento, objetivando a análise e a compreensão da realidade, visando um maior aprimoramento de um fazer pedagógico concatenado com a vivência com o campo.

Analisaremos ainda, as concepções dos professores e alunos sobre educação contextualizada na tentativa de compreendê-la na sua relação com a vivência dos professores e alunos no ensino fundamental I.

O referencial teórico-metodológico da pesquisa fundamenta-se na histórica-crítica de educação (FREIRE, 2004; SAVIANI, 1995; CANDAU, 2008; MARTINS, 2006).

### 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Na dimensão de uma educação contextualizada com as questões da vivência com o campo, o interesse do objeto de estudo nasce da necessidade de conhecer as práticas pedagógicas na escola em questão. Perguntamo-nos como os professores e alunos concebem a educação contextualizada na relação com as experiências vivenciadas com o campo?

### 1.2 OBJETIVOS:

#### **Geral:**

- Analisar a prática pedagógica contextualizada da Escola Municipal de Baraúnas de São José do Egito

#### **Específicos:**

- Conhecer a prática pedagógica contextualizada na escola para análise e compreensão da realidade, visando um maior aprimoramento de um fazer pedagógico concatenado com a vivência do campo;
- Analisar as concepções dos professores e alunos sobre educação contextualizada e;
- Compreender a educação contextualizada na relação com a vivência dos professores e alunos no ensino fundamental I.

### 1.3 CAMINHO PERCORRIDO

Optamos em realizar uma pesquisa qualitativa por se preocupar com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ela trabalha “[...] com o universo dos significados, das ações e relações humanas, um relato não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1994, p. 22). A autora afirma que a diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza do objeto. Enquanto a pesquisa quantitativa utiliza-se da estatística, apreende dos fenômenos de modo quantificado expresso pelo concreto, de modo mais objetivo; a pesquisa qualitativa aprofunda-se no mundo das crenças, dos valores e atitudes, o que “[...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994 p. 21).

Trabalhamos a entrevista semi-estruturada através de um roteiro específico, contemplando os objetivos do estudo. De acordo com Cruz Neto (1994), a entrevista semi-estruturada é a forma que permite obter informações do objeto de pesquisa a partir das falas dos sujeitos. O autor afirma que:

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos dados relatados pelos atores, enquanto - sujeitos objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (CRUZ NETO, 1994, p. 57).

Nas entrevistas semi-estruturadas, as perguntas são formuladas, ajudando a conduzir o processo, uma vez que possibilita ao entrevistado explicar melhor as questões de pesquisa. Após a leitura das entrevistas realizadas, podemos voltar para esclarecer possíveis questões que fiquem em aberto. A entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos, pois de acordo com o autor a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Nesse contexto, fizemos uso da observação participante que para Lakatos; Marconi (2009,p.196):A observação participante consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. A observação participante favorece a interação pesquisador/pesquisado uma vez que seu objetivo fundamental centra-se na compreensão dos significados e das experiências subjetivas dos próprios elementos que compõe a interação social do contexto analisado. Para isso, observamos algumas aulas dos professores que participaram da entrevista e também outras atividades desenvolvidas na escola como: intervalo, hora do lanche e momentos. Assim tivemos como sujeitos da pesquisa, 1 professor, 1 coordenador, 1 diretora e 5 alunos. Fizemos uso, ainda, da análise documental como forma de conhecer em que se fundamenta o trabalho da escola em questão.

#### 1.4 SUJEITOS DA PESQUISA

A escolha dessa escola não foi por acaso; tudo aconteceu por a mesma já apresentar uma prática pedagógica contextualizada e por ser uma escola do campo.

A pesquisa foi desenvolvida na turma do 4º ano da professora Maria Aparecida da S. B. Siqueira, que tem sua licenciatura em “Pedagogia” e está cursando uma especialização em Psicopedagogia institucional e clínica, ela mora na comunidade chamada Riacho de Cima que fica próxima da escola; a mesma se desloca até a escola no ônibus dos estudantes.

Os alunos são moradores da zona rural, filhos de agricultores; ficam na escola só um turno e no outro, ajudam em casa. Atualmente a escola tem duas turmas do 4º ano, uma pela manhã, com 16 alunos, e outra à tarde com 14 alunos; totalizando assim 30 alunos no referido ano. A escolha pelo turno da manhã se deu porque o transporte da cidade para essa escola existe esse horário.

A diretora da escola, a Srª Evânia Gonçalves Patriota possui Ensino Superior completo com graduação em Matemática e especialização em programação do ensino da Matemática.

A coordenadora dos anos iniciais Zirleide Leite da Silva, possui especialização em letras; reside em uma comunidade rural, e também utiliza o ônibus escolar como transporte para chegar à escola.

Compreendendo a importância do currículo escolar e as necessidades de uma prática pedagógica contextualizada discutiremos no capítulo I as abordagens das diferentes opiniões que envolvem o currículo escolar.

## 2 A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTEXTUALIZADA: UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO

A prática pedagógica contextualizada, aponta, nos dias atuais, para um fazer pedagógico também contextualizado e necessário na escola. Sua importância se dá na medida em que reconhecemos essa educação como elemento essencial no processo educativo que se fundamenta na formação humana em que o ato de ensinar não seja somente de escolarização e de transmissão de conteúdos, mas que seja entendido como uma práxis social.<sup>1</sup>

Nessa direção, pensemos numa prática pedagógica que se desenvolva mediante interesses da comunidade que dela participa. Tal prática precisa acontecer na escola através da relação de ensino e da vivência escolar como um todo, uma vez que, a escola necessita ser melhor significada pelo aluno e por professores com o processo de construção do conhecimento em que todos estão implicados. A escola como instituição educacional é constituída por diversas dimensões: afetiva, econômica, cultural e, outras. ( PATTO, 1996).

Discutindo a relação ensino-aprendizagem Martins (2006) aponta o problema da descontextualização a ser superado pela escola, afirmando que tal questão reside no fato de que a escola precisa se adequar às suas reais necessidades, tendo implicações com todos os sujeitos envolvidos, problemática essa expressa na evasão escolar e na repetência. O autor afirma que a escola e a formação realizada neste ambiente estão engessadas em um modelo ultrapassado, excludente e descontextualizado das realidades, o que colabora para gerar dificuldades de aprendizagem nos alunos, impedindo seu crescimento pessoal e profissional.

O processo de estagnação das práticas escolares é compreendido pelos autores (MARTINS, 2006; SOUZA, 2005) como fruto de uma educação colonizadora que tem como princípio homogeneizar a diversidade. Nessa lógica, as características culturais que diferenciam os sujeitos são desprezadas, importando apenas manter o *status quo* (Idem). Souza (2005, p.78) destaca “[...] que os conteúdos escolares por desconsiderarem as experiências e a pluralidade cultural dos sujeitos são obsoletos e sem significado para alunos e alunas”. Tais estudiosos

---

<sup>1</sup>FREIRE (2004) discute: Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

consideram que a estagnação da educação com o passar dos anos sofreu poucas mudanças que possam ser consideradas significativas com relação à construção do conhecimento e a forma como se processa.

Diante da problemática em questão, trabalhar na dimensão contextualizada torna-se essencial do ponto de vista da produção de sentidos em que o conhecimento passa a ser construído mediante valores, tempos, lugares e diferentes situações dos grupos sociais. De acordo com Martins (2006),

[...] contextos não se fixam apenas ao local, a um território determinado. Ele se estende até um sistema de valores, que extrapolam qualquer fronteira geofísica descuidadamente traçada, uma vez que tecem redes de conteúdos que fundem o passado e o futuro; o local e o global; o pessoal e o coletivo; as objetividades e as subjetividades fugazes. Mas tal tessitura e tais cruzamentos se dão numa determinada situação, movidos por condições reais e a certos constrangimentos em um dado tempo e chão; não estão soltos no ar – senão não haveria sentido falar em contexto. (MARTINS, 2006, p.45).

Nessa direção, explica Lima (2006, p. 39), que “[...] contextualizar torna-se um processo importante para aproximar o processo de ensino e aprendizagem à realidade vivenciada pelo/a aluno/a”. É preciso compreender que a vivência escolar ultrapassa os muros da escola, pois o aluno tem história e relação com o mundo no qual vivencia outras situações, levadas também para a escola, tornando-se um ir e vir de experiências produzidas e significadas pelo sujeito.

Nessa direção, a escola necessita incorporar as experiências dos alunos, de modo que estes possam estabelecer relações significando o vivido. Segundo os PCNs (1998), a escola deve englobar questões sociais e problemas cotidianos do educando para que os objetivos de educação e ensino sejam atingidos. É na contextualização da aprendizagem que os alunos e professores podem refletir sobre o porquê e para quê ensinar. Tais questões favorecem o processo educacional orientado na dimensão da formação humana que contemplando as necessidades dos alunos na vivência com a sua realidade.

## 2.1 CURRÍCULO E ESCOLA

A tradição escolar, marcada pela modernidade, apresenta as teorias do currículo como algo isolado, desprovido de significações mais profundas, baseadas em questões culturais, políticas e econômicas. A consideração de tais questões contribui para o desenvolvimento da capacidade do sujeito no tocante ao seu desenvolvimento intelectual e na sua implicação cultural, expressa nos saberes construídos historicamente. (SACRISTÁN, 2000).

Nessa tradição, o currículo escolar passa a ser considerado como uma seriação de conteúdos escolares em que cada unidade curricular é composta por disciplinas estruturadas e detalhadas de acordo com as exigências e normas da instituição de ensino. Marcado, na maioria das vezes, pela distância de significados culturais e sociais o currículo acaba não atendendo à maioria da população no tocante as representações culturais dos diversos grupos sociais. Assim, o currículo caracteriza-se pelo modo próprio de ser de cada escola, pelo “bom” funcionamento de suas atividades e pela forma padronizada de se trabalhar com a educação e com seu público mais imediato, no caso, os alunos.

Diante do exposto, consideramos que em cada momento histórico o currículo ganha significado político e cultural e por isso precisa ser compreendido a partir de tempos, lugares e políticas diferenciadas. Implica em pensar o currículo mediado por práticas culturais educativas. Nesse sentido, Grundy *apud* Sacristán, (2000) assegura que:

O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas. (GRUNDY *apud* SACRISTÁN, 2000, p.14).

Nessa dimensão, consideramos a necessidade de uma discussão sobre a contextualização como uma prática pedagógica curricular comprometida com a construção do conhecimento, uma vez que pode possibilitar melhor significado das aprendizagens na escola. Podemos almejar o trabalho escolar como algo que deve ter significado para vida dos sujeitos, ou seja, o vivenciado na escola necessita da relação com o cotidiano de forma que o contexto esteja mais presente na vida dos educadores e educandos.

Considerando as diversas formas de vida dos sujeitos e suas relações com o currículo mediado pelo processo educacional, questões sobre contextualização passam a ser uma importante discussão para a prática pedagógica na escola no contexto da vivência com o campo. A importância se dá pela necessidade de incorporação dos saberes vivenciados pelos sujeitos que compõem o espaço escolar, podendo ser melhor vivenciados quando assumem modos de vida e valores que fazem parte da comunidade local. Embora reconheçamos a importância da incorporação dos diferentes modos de vida na escola, precisamos dialogar com os saberes específicos de cada comunidade, levando em consideração conhecimentos globais, uma vez que ambos fazem parte de um contexto maior e de uma cultura que tem elementos universalizados.

Discutindo perspectivas curriculares na relação com a complexidade de práticas pedagógicas norteadas por tais perspectivas Rule (*apud* SACRISTÁN, 2000) aponta o currículo como um campo vasto e pouco discutido, debatido e questionado. Através de um exame histórico da literatura especializada norte-americana, a autora apresenta os seguintes grupos de significados os quais traduzem de forma global as concepções pedagógicas sobre currículo. De acordo com Sacristán:

a) um grande grupo delas relacionado com a concepção do currículo como experiência, o currículo como guia da experiência que o aluno obtém na escola, como conjunto de responsabilidades da escola para promover uma série de experiências seja estas as que proporcionam consciente e intencionalmente, ou experiências de aprendizagens planejadas, dirigidas ou sob supervisão da escola, ideadas e executadas ou oferecidas pela escola para obter determinadas mudanças nos alunos, ou ainda experiências que a escola utiliza com a finalidade de alcançar determinados objetivos; b) outras concepções: o currículo como definição de conteúdos da educação, como planos ou propostas, especificação de objetivos, reflexo da herança cultural, como mudança de conduta, programa da escola que contém conteúdos e atividades, soma de aprendizagens ou resultados, ou todas as experiências que a criança pode obter. (SACRISTÁN, 2000, p.14).

Nesse sentido, as concepções sobre currículo apontam para a necessidade de compreensão das práticas pedagógicas norteadas por visões de mundo, homem, sociedade, escola e aprendizagem. Através do currículo o processo educacional se constitui ensinando formas de ser e pensar as relações sociais mediadas pela cultura, economia e política.

Nessa dimensão, o currículo escolar, além dos aspectos já mencionados, também é construído no/pelo processo de socialização das crianças, com o objetivo de desenvolver saberes a partir de determinada estrutura social. Acreditamos que as relações sociais, as trocas e as experiências vivenciadas no cotidiano, formam um conjunto de fatores os quais estão implicados nos saberes escolares, e por isso precisa estar integrados à vida escolar e social dos sujeitos. Desse modo, tais elementos direcionam uma práxis curricular em que a articulação entre a teoria e a prática se constitui como princípio fundamental no trabalho pedagógico escolar. Para isso, o currículo na sala de aula requer consideração da vivência sociocultural dos sujeitos, uma vez que se trata de uma questão de identidade sociocultural. Para Silva (1999):

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forma nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 1999, p.150).

O currículo incorpora as identidades dos alunos, mediante o cotidiano, através das atividades diárias e escolares. Através do currículo os sujeitos são formados mediante diversos saberes escolar e extra-escolar. Não podemos esquecer que os sujeitos que estão na escola são produzidos mediante outros saberes, relacionam-se com diversos grupos, portanto produzem e incorporam as experiências mais diversas.

Entendemos, a escola como um espaço de relações, que são fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes, constituindo-se também como lugar de representações sociais, podendo contribuir tanto para a manutenção quanto para a transformação social.

Numa visão transformadora, a escola deve ter um papel essencialmente crítico e criativo em que sujeitos envolvidos nas diferentes concepções passam a ser, junto com as instituições, os responsáveis pela formação pessoal e acadêmica. Nesse contexto, a escola compõe um modo de ser e de viver, definindo-se pelas relações sociais que desenvolve cujas transformações dependem de contextos culturais, políticos, econômicos e sociais. Como produto e produtora da sociedade,

esta tem a ver com todos os sujeitos que compõe as instituições de ensino, bem como com os objetivos educacionais dados em determinado contexto. Assim, na relação com a aprendizagem podemos dizer que o currículo envolve um conjunto de saberes e habilidades que devem ser desenvolvidas pela escola de acordo com os diferentes sujeitos, discussão esta a seguir.

## 2.2 CURRÍCULO E APRENDIZAGEM

Vivemos numa sociedade contemporânea que exige múltiplas aprendizagens mediadas por novas habilidades e fazeres. Chamada de “sociedade aprendente”, a escola precisa assumir novas funções que ultrapassa a perspectiva de transmissão do conhecimento acumulado historicamente. Embora reconheçamos sua importância como legado histórico, o conhecimento deve ser compreendido como construção permanente permeado pela política, economia, cultura e sociedade em tempo e lugares diferentes. (FREIRE, 2004).

Em decorrência das múltiplas e rápidas informações que circulam na vida social através de aparatos tecnológicos, a escola necessita redefinir sua função na construção e problematização do conhecimento de modo que os sujeitos possam ser protagonistas da sua produção. Podemos dizer que a escola, como lugar de aprendizagem, precisa incorporar novos conhecimentos e novas formas de lidar com a gama de informações e necessidades como base nas diferenças dos sujeitos às quais suscitam outras posturas e formas de produção cultural. Isso requer melhorias na sua atuação no tocante às seguintes aprendizagens e saberes: pesquisa, comunicação, ação, problematização, trabalho coletivo, operação com diferentes conhecimentos, senso crítico, capacidade de resolução de problemas, acesso às diferentes fontes de informação, enfim, importantes habilidades para a autonomia intelectual do sujeito.

Nesse processo, precisamos dar sentido ao que é produzido pelos alunos, e levado por eles para a escola. São conhecimentos da experiência que podem e devem ser analisados e problematizados à luz de conhecimentos historicamente acumulados pelas diferentes áreas. Vale lembrar que a troca entre os conhecimentos que compõe o currículo escolar e o da experiência vivenciada por alunos e professores é que dá sentido à construção do conhecimento. Certamente,

uma das principais funções da escola na contemporaneidade é a produção do conhecimento por aluno e professores, por isso precisamos significar o aprendido e o vivido. Ambos são exigidos novas funções, dentre muitas, a rápida construção e a habilidades de apreensão de informações.

Cabe destacar que partilhamos de uma concepção de escola em que a relação professor e aluno é de forma dialógica. Ambos são sujeito do processo ensino-aprendizagem, sendo responsabilidade do professor traçar caminhos para a construção da aprendizagem do aluno. Portanto, o professor exerce o papel de mediador e organizador das experiências vivenciadas na escola, uma vez que tem como principais tarefas a organização e mediação<sup>2</sup> dos conteúdos escolares e das relações sociais vivenciadas com seu grupo. Nessa perspectiva <sup>2</sup>evidenciamos a necessidade de redefinição do papel da escola, pois ela não mais atende a um modelo tradicional de ensino baseado somente na transmissão e no acúmulo do conhecimento.

Nesse contexto, o professor precisa apreender as reais necessidades dos alunos, de modo que a aprendizagem somente acontece a partir do que é significativo para eles. Freire (2004) discute que o aluno somente aprenderá quando tiver um projeto de vida e sentir prazer no que está aprendendo. Para o autor, muitas vezes o aluno quer saber, mas nem sempre quer aprender o que lhe é ensinado. Por isso, afirma que devemos aprender com a rebeldia do aluno, que é um sinal de sua vitalidade, de sua inteligência e de seu desejo de aprender. Tal atitude do aluno pode indicar um posicionamento crítico, onde o educador tem por obrigação problematizá-la.

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a pergunta o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de *respostas* e perguntas que não foram feitas. Isso não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente, em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas que, burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 2004, p.87-88).

---

<sup>2</sup> Ato ou efeito de mediar; intervenção

Nesse contexto, a problematização do conhecimento passa a ser fundamental na relação de ensino, pois perguntar, indagar e provocar o conhecido induz o sujeito a pensar outras possibilidades, a não conformação de algo cristalizado socialmente. Para isso, exige-se do professor um ser curioso que alimenta seus alunos na busca de sentido a partir de diversos caminhos e fazeres. Ele deixa de ser um transmissor do conhecimento para ser um provocador e mediador da aprendizagem. Poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador e, sobretudo, um organizador da aprendizagem. Para Freire (2004),

Ensinar é, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais dicotomizei. [...] A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. (FREIRE, 2004, p.96).

Como testemunho ético, uma dos compromissos da educação na relação com a aprendizagem reside no trabalho com o exercício da cidadania que se dá mediante o aprendizado teórico e prático dos sujeitos implicados na escola. Consiste nas ações diárias em que todos podem e devem participar respeitando o outro e a si próprio. Podemos dizer que o fazer da cidadania é algo que deve ser incorporado pelos sujeitos nas ações diárias a exemplo de um olhar positivo para as diferenças: cremos que aprender a olhar o outro como singular é ver a nós mesmos, pois nos constituímos a partir de referências dadas por vários outros. Podemos dizer que o exercício da cidadania se fundamenta no direito e no dever do respeito mútuo.

No capítulo II abordaremos o tema: “O Semiárido: desafios e possibilidades”. Entendemos que existe uma necessidade primordial de em relações as questões que envolvem o semiárido como também da importância de ampliar as possibilidades de ações como também permear uma prática pedagógica voltada para o semiárido.

### 3 O SEMIÁRIDO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Falar em semiárido é um desafio. Partimos de uma pergunta: O que vem a ser o semiárido? Um lugar seco, pobre, e abandonado? Ou simplesmente uma das regiões entre outras, mais ricas em termos de cultura e diversidade?

O semiárido é uma região como outra qualquer que tem suas peculiaridades marcantes como o seu clima, os períodos secos e de chuvas, esses últimos caracterizados por serem muito curtos. Possui baixos índices pluviométricos, levando a essa região uma referência de seca, que porém, pode ser repensada no aspecto sócio ambiental em que somos chamados a nos adaptar a esse processo de desenvolvimento sustentável, pois trata-se de algo meramente corriqueiro e natural e, sem dúvida, a sua cultura que, com características próprias, releva bastante o processo de desenvolvimento e crescimento social de toda a região. Assim podemos dizer que é um lugar que tem dificuldades, belezas e possibilidades e que de forma variada expressa em sua essência o potencial de desenvolvimento necessário à sua população. Ou seja, o semiárido não é apenas um ideal de secas, mas uma região rica e de potencialidades raras, onde cada indivíduo é agente de sua própria construção, contribuindo em um todo para os avanços e melhoramentos de todo esse território.

Assim sendo, podemos observar que nos últimos anos tivemos uma considerável elevação no potencial da região, principalmente, em turismo e no aumento e melhoramento das condições sociais. Podemos verificar isso através das formas de lazer fundamentadas na paisagem natural como as praças bem arborizadas, no patrimônio cultural e no desenvolvimento social. Porém ainda observamos uma grande falta de consciência dos próprios moradores e do poder público para os aspectos ambientais, isto é, muitas vezes não se tem a consciência necessária, e de forma precária se deteriora muito as condições naturais da região. Mesmo que seja para obtenção de/ou melhoramento do meio urbano ou social, não se leva em consideração a harmonia entre os recursos humanos e naturais, deixando então a impressão de que o semiárido não pode fornecer desenvolvimento e crescimento urbano e social, o que pode ser facilmente repensado se passarmos à agir de forma sustentável para com os recursos aqui existentes.

Segundo Malvezzi,

[...] Não há mais como falar em desenvolvimento sem falar em sustentabilidade ambiental. Mas que qualquer outra região brasileira, o Semiárido exige um desenvolvimento que respeite as frágeis leis do seu equilíbrio natural. Ou a convivência sustentável ou o deserto, eis a questão (MALVESI, 2007, p.21).

O desenvolvimento ambiental está pautado na sustentabilidade que procura desenvolver a harmonia entre os recursos naturais e econômicos solucionando os problemas das gerações atuais, sem comprometer as capacidades das gerações futuras, isto é, precisamos conscientizar a todos para a importância da convivência sustentável e para as potencialidades do Semiárido, de modo que as gerações presentes e futuras possam aprender a conviver melhor com essa região. Precisamos respeitar o seu equilíbrio natural e sua cultura, a qual engloba costumes e crenças de um povo através da evolução de sua história de acordo com o seu habitat que, a cada dia, precisa ser pensado e renovado.

Desse modo, é necessário que se faça um trabalho voltado para uma prática reflexiva de uma educação mais profunda para que se possa mudar ou superar o conceito arcaico que se tem do Semiárido. Quando falamos que é uma região considerada pobre, muitas vezes é porque não sabemos explorar suas potencialidades e também não observamos que a cultura é o que norteia um determinado modo de pensar e agir fundamentada em cada expressão que faz parte da manifestação do homem e de sua experiência de vida.

### 3.1 O SEMIÁRIDO EM UMA PERSPECTIVA CONTEXTUALIZADA

Pensando no contexto do Semiárido e numa educação pautada para a sobrevivência precisamos aprender a conviver, compreender e respeitar suas peculiaridades para não destruir; e isso deve fazer parte de todo processo de desenvolvimento de ações que estejam voltadas para uma educação contextualizada.

A educação contextualizada no Semiárido tem como princípio objetivo um outro ensino em que tenha como proposta principal uma política educacional,

pautada para o ensino da convivência com o Semiárido, isto é, onde a população possa ter uma vida digna com reais condições de lidar com o seu ambiente natural e, ao mesmo tempo, transformar a sua vida presente e futura.

É nesse sentido que Saviani (1985, p 77) valoriza e conceitua a educação como "uma atividade mediadora no seio da prática social global".

A educação é relevante para uma mudança sócio cultural, considerando que todo desenvolvimento parte do princípio de que a sociedade só será crítica se tiver uma consciência real da atual situação do mundo globalizado.

No documento da 1ª Conferência da RESAB (Rede de Educação do Semiárido Brasileiro), que é uma rede de educadores do Semiárido sobre a educação contextualizada, traz que a educação deve ser planejada de forma a estar inserida em todos os seguimentos e ações dentro do currículo educacional no âmbito regional, ressaltando as formas de vida e suas peculiaridades. Esse documento fala das lutas pela convivência, das experiências de educação, voltadas para as problemáticas aqui existentes. Ele nos diz:

A nossa luta por uma educação contextualizada para a convivência com o semiárido decorre de longos processos em que se inscrevem diversas experiências de educação, governamentais e não- governamentais, formais e não-formais, situadas no Semiárido Brasileiro, que vêm fazendo inflexões curriculares e metodológicas e colocando importantes questões para fazer a educação de Semiárido vincular-se às formas de vida e às problemáticas aqui existentes. (MALVEZZI, 2007, p. 132.)

Falar em educação contextualizada é falar numa idéia de mundo nova, construída a partir da realidade e da discussão da questão ambiental voltada para uma visão sócio cultural transformadora. Essa visão tem uma grande preocupação com a cultura popular e com a forma de construir a autonomia dos educadores e educandos buscando identificar nos grupos sociais a forma mais eficiente para sua aprendizagem através do seu cotidiano.

O semiárido, portanto, é uma região que tem um patrimônio com diversidades culturais de um povo que cultiva, extrai, canta, observa, produz conhecimentos e, tem na sua construção, um trabalho de reflexão sobre as experiências tradicionais de seu povo, baseado no seu modo de vida, como também na prática de ações voltadas para sua própria sobrevivência, preocupados apenas com seio familiar. Os

poderes públicos nunca pensou em fornecer ao cidadão do semiárido condições para que ele compreendesse que, na própria região, existem ações relevantes para o progresso como também para o melhoramento das condições de vida.

Os homens e mulheres dessa região adquiriram um vasto saber observando a natureza e, através dessa observação, estão aprendendo a conviver com o meio ambiente, olhando os ciclos das chuvas, o comportamento das plantas, dos animais e as características do clima e do solo. (MALVEZZI, 2007).

A partir das observações feitas pelos homens e mulheres que habitam na região do semiárido em um amplo processo construtivo, passou-se a discutir as melhores estratégias de convivência do ser humano para com todos os recursos e riquezas do semiárido, uma região que guarda em si um potencial natural, cultural e humano, além da alegria e da força de um povo capaz, sem dúvida de tornar essa região desenvolvida e sustentável.

A Comissão Mundial *Brundland* das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente caracteriza o conceito de Desenvolvimento Sustentável enquanto :

*um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro [...] é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades ( IBGE, 2002)*

Esse desenvolvimento sustentável precisa se preocupar em fazer com que a sociedade possa preencher as suas necessidades e expressar o seu maior potencial no presente e, ao mesmo tempo, preservar a sua biodiversidade e os ecossistemas naturais de modo que as gerações futuras também possam fazê-las.

Pensar no desenvolvimento sustentável é pensar no lugar em que vivemos e como queremos que ele continue; é sonhar com o futuro sem destruir o presente; é aproveitar e oferecer alternativas de vivência e sobrevivência suficiente para que o homem conquiste seu espaço no lugar que por direito deveria lhe pertencer.

O semiárido é considerado um lugar pautado numa dimensão de insuficiência natural e social, onde não se observa a fundo as verdades e riquezas reais existentes, podendo então levar o homem a uma existência fechada para uma nova visão ou uma nova perspectiva de uma melhor qualidade de vida. O homem do

semiárido precisa urgentemente de um direcionamento que o conscientize para traçar na sua vida uma nova realidade, podendo esse se indagar diante de si mesmo, para de modo sustentável gerar emprego e renda suficientes para sua vivência e convivência humana e social.

Assim, deixa-se entendido que devemos levar em conta o lugar que lhe é de direito, levando em consideração sua complexidade e também a sua simplicidade, sem esquecer de que todos os esforços serão necessários para discutir e construir um novo semiárido que venha gerar diversas possibilidades para transformar essa idéia que é sustentada por um discurso pobre e sem perspectiva.

Desse modo, juntos devemos e podemos construir um diálogo com elementos necessários para uma mudança entre a sociedade civil e política, englobando temáticas de assistencialismo e de desenvolvimento. Essas temáticas têm que estarem voltadas para o desenvolvimento sustentável local com base na sua experiência de vida.

A política sempre foi preponderante para o semiárido, pois essa região sempre foi vista como símbolo de pobreza, e então era fator para políticas de assistencialismo, deixando de lado o desenvolvimento e progresso social

De acordo com a RESAB:

Sabemos que o semiárido brasileiro tem sido a marca preponderante na política nacional do descaso a que foi submetida a sua população na trajetória histórica do Brasil rumo a concretização do projeto de desenvolvimento da elite brasileira que estava baseado no enriquecimento de uns e no aumento cada vez mais da exclusão social de muitos outros. Isso tudo é fruto da concepção de desenvolvimento e da forma como foram gerenciadas as nossas políticas públicas no Brasil. (RESAB, 2006, p.88).

Isso está relacionado com a má distribuição da renda onde quem tem muito, fica cada vez com mais; e quem tem menos, fica cada vez mais pobre e condicionado aos desmandos de um determinado grupo político. Neste ponto torna-se importante e necessária uma reconstrução do discurso direcionado as práticas políticas de sustentabilidade que rege as camadas mais elevadas da sociedade brasileira.

Ainda para a RESAB cabe ressaltar que:

É preciso uma revolução no campo das concepções e no planejamento das políticas públicas social e de desenvolvimento dessa região, no sentido de fortalecer e reverter o atual estado da educação que aqui se encontra e os seus indicadores diversos. Abrir espaços para participação da sociedade civil organizada, movimentos sociais e organizações não-governamentais nos colegiados de definição das ações governamentais, parece ser o melhor caminho a trilhar na reconstrução do semiárido e da educação que aqui vem sendo desenvolvida. (RESAB, 2006, p.89).

Nos últimos anos passou a existir um considerado avanço nas políticas voltadas para o semiárido e toda a sua população, isto é, passou-se a pensar em uma realidade onde se busca o progresso e, principalmente, o desenvolvimento pautado em ações de convivência para com os recursos existentes. Ocorreu um avanço no modo de pensar das pessoas, voltado para uma vida sustentável, onde os recursos naturais são partes integrante e fundamental para o desenvolvimento.

É importante perceber que o Semiárido brasileiro guarda, em sua mais profunda essência, um grande potencial, uma grande riqueza cultural e humana, trazendo também além dessas riquezas a alegria e força de um povo capaz de tornar essa região produtiva e desenvolvida sustentavelmente a partir das suas peculiaridades.

A situação do nosso Semiárido, assim como as demais regiões do Brasil está passando por situações complicadas e de total destruição devido ao aquecimento global e ao consumismo desenfreado que só tende a se agravar, e que seus reflexos já estão começando a aparecer. (MALVEZZI, 2007).

Uma das situações é a diminuição do volume das chuvas que cai sobre a região todos os anos; isso não quer dizer que a região do Semiárido pode ser considerada uma área de deserto. O que acontece é que tem lugares em situações bem críticas onde, devido à presença de rochas cristalinas nos lençóis subterrâneos, a acumulação de água se torna cada vez mais um problema. Segundo Malvezzi (2007, p.78): [...] O problema do Semiárido é mais a perda por evaporação também por transpiração de plantas e animais do que a falta de precipitação.

Devido a essa evaporação, o chão da nossa região, no período seco, fica com aparência de lama ressecada no chão como se estivesse morto, como se ali nunca tivesse havido água para a sobrevivência de pessoas e animais, e é isso que a mídia precisa para divulgar, e tornar nossa região inabitável e desacreditada. O futuro do semiárido está na criação de reservatórios que acumulem a água da

chuva, e que não permitam a sua evaporação como, por exemplo, a criação de cisternas tanto para o consumo humano com também para a produção e criação de animais; não podemos mais abrir espaço para uma cultura predadora.

Além da evaporação das águas, outra situação que envolve a nossa região é a desertificação que nos atinge; mas, segundo o geógrafo Ariovaldo Umbelino é uma arenização que é resultado da ação humana que nos traz grandes preocupações.

Se o que temos é a arenização ou a desertificação, isso não importa; o problema existe, e temos que pensar em alguma solução como: a agroecologia<sup>3</sup> e a agrofloresta<sup>4</sup> como caminhos a serem percorridos para a solução, sem deixar de lado o nosso ecossistema, além de combinar e inserir as atividades ambientais dentro da nossa cultura e das espécies de plantas nativas; só assim será possível recuperar as áreas que se encontram em estado de desertificação.

A desertificação acontece com a retirada rápida de uma camada de solo, frágil e pouco espessa, e que se forma muito vagarosamente; isso é o que está acontecendo em muitas áreas do mundo e, principalmente, em regiões de climas semiárido, áridos e subsumidos secas.

Várias espécies vegetais encontram-se em processo de extinção, fato esse que ocorre também com a fauna, a qual vem desaparecendo devido, principalmente, à caça predatória e à destruição de habitats naturais.

A desertificação é um problema, por que através dos longos períodos de seca, ocorre a redução da produtividade alimentar, ameaçando as pessoas que vivem nessas áreas a passarem fome e sede. A degradação das terras é, freqüentemente, ligada à alimentação e a pobreza; essa preocupação deve ser só dos Governos e dos países afetados, mas sim uma preocupação global.

O nosso modelo agrícola que é baseado na exploração das águas e das terras é determinante e fundamental para o desenvolvimento da crise global da água e da degradação dos solos.

---

<sup>3</sup> O conceito de agroecologia quer sistematizar todos os esforços em produzir uma proposta de agricultura abrangente, que seja socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente sustentável; um modelo que seja o embrião de um novo jeito de relacionamento com a natureza, onde se protege a vida toda e toda a vida.

<sup>4</sup> é um resgate do equilíbrio entre o homem e a terra, é o manejo que integra a agricultura, a floresta e o ser humano. As plantas agrícolas convivem com as florestais num caminho rumo à complexidade, com qualidade e quantidade de vida consolidada com todas as inter-relações possíveis.

Para se falar em semiárido, precisamos refletir o bioma caatinga que quer dizer um conjunto de vidas, seja ela animal ou vegetal, sem esquecer que o ser humano também faz parte desse bioma.

Segundo Malvezzi (2007, p.51.) [...] “um bioma é formado por todos os seres vivos de determinada região, cuja vegetação é similar e contínua, cujo clima é mais ou menos uniforme, e cuja formação tem uma história comum”.

A caatinga é considerada um dos mais recentes biomas brasileiros que tem uma grande facilidade de se regenerar, basta algumas gotas de chuva, e tudo que parecia morto e sem vida, volta ao seu mais belo desabrochar, perfeitamente ajustável ao clima e aos solos locais; jamais podemos pensá-la como espécie de deserto, pois a mesma tem uma grande biodiversidade vegetal e animal.

A caatinga não é uniforme, ela é dividida pelo menos em três níveis: o primeiro, recebe o nome de arbóreo, que é uma árvore considerada de ótimo porte; em segundo, temos o arbusto e, em terceiro, o herbáceo que é uma vegetação que se adaptou muito bem ao clima de nossa região. No período das secas elas perdem as folhas, adormecem mas não estão mortas.

A população da caatinga habita o meio rural por opção e amor a uma relação de cultura construída ao longo dos anos, esse povo considerado sofrido aprendeu a viver ainda que precariamente em seu ambiente, as soluções viáveis para a sobrevivência desse povo fizeram com que eles crescessem e se reproduzissem e, embora não queiram, precisam sair em busca de algo melhor, mas sempre acabam voltando e percebendo que não há lugar melhor, mesmo com todas as dificuldades, para se viver.

Sabemos que o bioma caatinga ainda é pouco conhecido; por isso precisamos estudá-lo e protegê-lo com sua biodiversidade, combatendo a desertificação, e criando atividades e métodos para a nossa sustentabilidade, tendo como desafio manter as suas características e a de seu povo, dando a esses condições dignas de vida.

Segundo Malvezzi (2007, p.36.): No século XX, O Rio São Francisco passou a ser visto como fonte de riqueza e abundância, e atraiu a ambição humana. [...] O rio é um “caminho que anda”, não apenas um “recurso hídrico”. (grifos do autor)

Não podemos falar no semiárido sem falar no rio São Francisco e no contexto político e social marcado pela indústria da seca que até hoje ainda se escuta falar e que em época de eleições, esse assunto volta à tona com todo gás e é claro a

história da transposição que com certeza vai causar além de um desastre ambiental, também um desastre humano.

Essa transposição causa uma grande polêmica, pois a mesma matem o jogo e a história da indústria da seca; com isso os políticos, cada vez mais, criam fortunas, e alimentam a ilusão e a miséria do povo. A transposição não foi criada para saciar a sede dos animais e de seres humanos, mas sim, para a indústria da irrigação voltada para a exportação.

O projeto da transposição é bem antigo, desde a época do Império; o mesmo fortaleceu o poder político e as elites da região nordeste com as suas supostas obras maravilhosas que vão saciar e resolver o “problema da seca”.

Ao longo da história, o semiárido foi deixado de fora das políticas públicas, e somente nos últimos anos, houve um despertar, e certa organização da sociedade civil, voltada para os recursos sustentáveis, mas apesar de todos os esforços é preciso muito mais para que haja desenvolvimento e sustentabilidade para esse povo tão sofrido e, ao mesmo tempo, tão cheio de esperança.

### 3.2 CARACTERÍSTICAS DO SEMIÁRIDO

O Semi-Árido brasileiro é uma das regiões mais populosas e também mais úmidas do mundo. Tendo uma extensão de 868 mil quilômetros, abrangendo o norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, os sertões da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e uma parte do sudeste do Maranhão. Habitam nessa região mais de 18 milhões de pessoas, sendo oito milhões na área rural. A quantidade de chuva é de 750 milímetros anuais, em média. Em condições normais, chove mais de 1.000 milímetros. (MALVEZZI, 2010).

O Semi-Árido brasileiro representa 18% do território nacional, e abriga 29% da população do País. Possui uma extensão de 858.000 km<sup>2</sup>, representando cerca de 57% do território nordestino, sendo que a área designada como Polígono das Secas (ocorrência de secas periódicas) é estimada em 1.083.790,7 km<sup>2</sup>. No Semi-Árido vivem 18,5 milhões de pessoas, com destaque para o fato de que 8,6 milhões pertencem à zona rural, caracterizada por alta vulnerabilidade já que estão entre os mais pobres da região, com índices de qualidade de vida muito abaixo da média

nacional. Sua densidade demográfica de 20 hab./km<sup>2</sup> não parece alta quando comparada com a média nordestina que é de 28 hab./km<sup>2</sup>. Contudo, tomando por base outras regiões semi-áridas no mundo, apresenta-se como uma das mais elevadas. Acrescenta-se a esse fato as próprias características naturais ali predominantes. Longe de se caracterizar como um espaço homogêneo, o Semi-Árido pode ser apresentado como um "grande mosaico" (GVAA, 2009).

Como principais características climáticas, destacam-se as temperaturas médias elevadas, e precipitações médias anuais inferiores a 800 mm, extremamente concentradas, gerando os períodos de chuva e de estiagens. Cerca de 50% dos terrenos do Semi-Árido são de origem cristalina, rocha dura que não favorece a acumulação de água, sendo os outros 50% representados por terrenos sedimentares, com boa capacidade de armazenamento de águas subterrâneas. Suas feições de relevo refletem a dinâmica climática e estrutural, mas apesar de dominar grandes extensões dissecadas é possível registrar significativas áreas ocupadas por serras e vales úmidos. (GVAA, 2009.)

São apenas dois os rios permanentes que cortam o Semi-Árido: o São Francisco e o Parnaíba; sendo que os demais aparecem de forma intermitente (apenas nos períodos de chuva), desempenhando contudo um papel fundamental na dinâmica de ocupação dos espaços nessa região. Mas a disponibilidade de água existente e potencial deve ser vista considerando também os açudes públicos e reservatórios privados, além das alternativas crescentes de captação de água para o consumo doméstico.

Na agricultura tradicional, baseada no sistema de policultura e pecuária, a vulnerabilidade à existência das secas é elevada e a situação agrava-se quando o foco recai nos pequenos agricultores ou nos trabalhadores sem-terra. Desse modo, o aumento da produtividade agrícola permanece como um dos maiores desafios e um dos mais importantes caminhos para se combater a fome e a pobreza na região do semiárido.

Esse cenário foi marcado por esse sistema principalmente até a década de 80 onde as migrações entre as regiões foram vista como alternativas para falta de sustentabilidade para a maioria da população sendo esses os mais vulneráveis do Semiárido. Nos últimos anos e nas últimas secas tem sido registrado um maior deslocamento de pessoas para as cidades consideradas "grandes" da Região Nordeste. É visível a falta de estrutura das famílias diante da falta de possibilidades

vivenciadas, da sobrevivência nos períodos de seca e da incompetência das ações do poder público para solucionar problemas. Baseados nesses fatos, surgem projetos que, na realidade, servem apenas de paliativos, que só vão beneficiar algumas famílias, geralmente aquelas mais próximas dos poderosos. É necessário partir para estratégias de políticas públicas com foco integrado de objetivos simultaneamente voltados para o social, o econômico, o político, o cultural e, principalmente o ambiental. (MALVEZZI, 2007.)

Aliado à construção de uma visão de sustentabilidade e desenvolvimento do semiárido, podemos contar com as tecnologias como uma forma a mais. Refletindo dentro desse contexto é que se pensou na idéia de tecnologias sociais, elas são simples e voltadas para as necessidades básicas do povo, além de facilmente manejadas, controladas e aplicadas pela população. Já pensando na questão do semiárido que leva em conta o meio e o ambiente, já existe uma grande preocupação na formulação das tecnologias voltadas para esse tipo de região. Assim como diz Malvezzi:

Não é possível construir um projeto de Nação sem que ele respeite a vocação e os limites de cada um dos nossos biomas. Não haverá futuro para o semiárido sem que seja compreendida sua lógica mais profunda. É preciso pensar o semiárido no seu contexto global e segundo as características que lhes são próprias e únicas. ( Malvezzi, 2007, p. 131.)

O semiárido, dentro dessa visão, requer de nós um esforço educacional relevantemente inovador com perspectivas de mudar a situação, o poder político e econômico, construído a partir da indústria da seca, que tem sua ideologia minuciosamente bem trabalhada para manter seus mitos e poderes. Essa lógica está voltada para a transformação de uma política educacional para região; a humanidade tem dado provas de seu poder e de sua capacidade de reinventar e recriar o seu modo de vida ao longo dos séculos. Dessa forma a nossa civilização tem que se reinventar também, e para nós aqui do semiárido brasileiro, pensando na lógica da convivência, essa reinvenção é urgente e indispensável.

#### **4 PROBLEMATIZANDO O FAZER PEDAGÓGICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS**

Este capítulo propõe discutir o fazer pedagógico da Escola Municipal de Baraúnas de São José do Egito na relação com a educação contextualizada. O fazer pedagógico compreende a relação que envolve alunos e professores bem como todo o cotidiano escolar.

O fazer pedagógico estabelece relação entre professor e aluno, entre aluno e aluno indo além do momento da sala de aula, seja este um contato direto ou à distância, ou seja educação à distância. Segundo Prado (2002, p. 61), “(...) a pedagogia é um fazer, os caminhos que a ela conduzem são construídos e percorridos nesse fazer cotidiano e permanente”.

A educação contextualizada entende o semiárido como tema necessário para a escola, uma vez que as questões que envolvem a região têm relação direta com os modos de vida numa perspectiva de sustentabilidade dos educadores e educandos e do meio ambiente. Assim, a educação contextualizada se dá na medida em que o trabalho pedagógico acontece por colaboração de todos os sujeitos que compõe o espaço escolar. Nesse sentido, a contextualização do trabalho desenvolvido em qualquer espaço sugere o reconhecimento dos modos de vida dos sujeitos no tocante à vivência das relações sociais, culturais, econômicas e políticas. Para isso, se faz importante a clareza por parte de professores e alunos sobre a importância da educação contextualizada no Cariri Paraibano, uma vez que é o nosso lugar de discussão.

A microrregião do Cariri Ocidental é uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema.

Na dimensão da produção de conhecimentos na escola devemos pensar no currículo contextualizado com os diferentes estilos de vida das pessoas que vivem na região semiárida, tomando como ponto de partida a valorização dos bens culturais ligados à região. A retomada da luta pela terra e pela cultura do semiárido pode colaborar para relações mais afetivas e políticas, ou seja, podendo representar o amor pela preservação da identidade de um povo.

O currículo contextualizado passa a imagem da própria vida quando a aprendizagem é significada a partir das situações encontradas, podendo criar projetos direcionados ao perfil do aluno, utilizando as suas características, despertando assim seu interesse, e atraindo-o ao ensino. Assim, a aprendizagem está sempre aberta a novas maneiras e abordagens de ensino. Trata-se de uma escola que atua de forma integrada, respondendo às necessidades dos alunos, desenvolvendo suas competências e habilidades, atendendo aos anseios da comunidade. A escola é uma instituição acolhedora, não uma ilha isolada, ela compartilha da vida pessoal e social dos seus alunos, portanto a contextualização leva à resolução dos problemas do dia-a-dia e coloca os objetivos do ensino próximos da sala de aula. (GRISPINO, 2005).

Compreendendo que qualquer projeto educacional se fundamenta na práxis educativa em que teoria e prática se constituem como unidade política, consideramos de muita importância a compreensão sobre a educação contextualizada por parte de educadores e alunos. Importante ter a devida clareza dos lugares sociais, assumidos pelo professor e pelos alunos no sentido da apropriação do conhecimento pedagógico que se diferencia entre ambos. Sabemos que ao professor, cabe maior clareza na relação teoria-prática e ao aluno, tais questões teóricas são construídas a partir da prática pedagógica, orientada e desenvolvida pelo professor com base na construção e sistematização do conhecimento prévio e global.

#### 4.1 CONHECIMENTOS E FAZERES NA EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA

Considerando que a Escola Municipal de Baraúnas é reconhecida no Cariri Ocidental como a escola que trabalha na dimensão da contextualização do semiárido, vejamos o que dizem os educadores da escola:

*A educação contextualizada é o nosso maior desafio, dessa forma percebemos que o nosso trabalho vem sendo melhor desenvolvido, buscamos sempre estar em contato com as comunidades( Entrevista - coordenadora 09/05/11)*

*A PEADS obedece a uma metodologia baseada em quatro etapas: pesquisa, desdobramento, devolução e avaliação. Essas etapas são postas no planejamento que pode ser bimestral, semestral ou anual conforme abrangência das temáticas, a PEADS é desenvolvida na escola através de temáticas que representam a necessidade da comunidade e ou da escola vemos no projeto a aproximação da comunidade (Registro no diário de campo- diretora. 09/05/11)*

*Mediar os conhecimentos é o meu ponto de partida para novos ideais, o conhecimento prévio e a realidade dos estudantes são primordiais para a realização de um trabalho prazeroso, de uma aprendizagem significativa (Entrevista-professora, 12/05/11).*

*Vejo a educação contextualizada como uma prática educativa que considera o desenvolvimento do educando globalmente, que leva em conta suas raízes, cultura, classe social, etc; possibilitando que ele reflita sobre seu papel na construção de sua aprendizagem bem como sobre a realidade de sua comunidade.(Entrevista-Diretora 09/05/11 )*

*(...) contextualizar é sempre um desafio que necessita de esforços e determinação conjunta para que sejam alcançados objetivos desejados, com este trabalho podemos ajudar as pessoas a entenderem melhor a sua história e a compreenderem o mundo que as cerca; considerando os saberes locais e não apenas científicos (Entrevista-professora 12/05/11)*

Referindo-se à educação contextualizada, a concepção de educação da coordenadora é justificada através do projeto da PEADS desenvolvido na escola. Vemos três características ressaltadas no projeto: o envolvimento da comunidade na escola, o projeto como recurso metodológico, e as temáticas de acordo com a necessidade da comunidade.

A diretora e a coordenadora falam de conhecimentos prévios, da realidade do aluno e de desafios para o trabalho: questões fundamentais na educação contextualizada.

De forma geral, os educadores demonstram conhecer a importância da educação contextualizada, propondo-se a desenvolver as atividades escolares a partir do próprio projeto da escola, envolvendo as dimensões citadas.

Diante do exposto, sentimos uma ausência de um maior detalhamento do próprio processo educacional em construção, vivenciado na escola. Nossa preocupação reside na análise crítica da escola nas ações cotidianas produzidas por ela e pela comunidade. Referimo-nos, por exemplo, a questionamentos sobre os problemas que giram em torno da própria vivência dos sujeitos que habitam a escola e da comunidade no semiárido. Destacamos ainda, a evidência da professora com relação à experiência vivenciada pelos sujeitos como a única forma de saber. Esclarecemos que o saber científico é construído historicamente, legitimando diferentes conhecimentos. Portanto, não se trata de colocar um em detrimento do outro, mas de reconhecer as suas importâncias para o conhecimento. (SOUZA, 2007)

A mesma também destacou a importância e a credibilidade da escola por parte dos pais e sociedade em geral buscando sua realização pessoal no próprio lugar de origem causando assim a diminuição do êxodo rural.

Foi comprovado a partir dessa resposta que quando se valoriza o espaço em que se vive explorando de forma consciente os recursos naturais, a qualidade de vida melhora, conseqüentemente, colaborando assim para diminuição e a desertificação, podendo aumentar o poder aquisitivo.

Segundo Lima (2008), devemos destacar ainda a importância de:

[...] construir uma proposta de educação contextualizada no Semiárido exige que os professores procurem re-aprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a tornar-se um aluno-pesquisador de sua realidade. O aluno/a aprende refletindo sobre sua ação e interagindo no meio social, já o professor, amplia seu olhar sobre o mundo no momento em que se desafia a pensar sobre sua prática no processo de reflexão-na-ação. (LIMA, 2008, p.98).

Sendo assim, o processo de construção da proposta de educação contextualizada no Semiárido não pode limitar-se somente aos aspectos pedagógicos da escola, precisa assumir um caráter político-pedagógico de transformação. Essa proposta não pode ser um processo educativo desenvolvido de forma mecânica e dentro da escola, desconsiderando e envolvendo os elementos sociais e culturais, que tanto influenciam a vida dos sujeitos sociais. (SHÖN, 1995).

Na direção de conhecer como se desenvolve o trabalho de contextualização na escola, vejamos a prática pedagógica vivenciada pelos alunos do ano de 2011:

*Eu acho que o trabalho que nós fazemos na escola é muito bom, por que a gente só não aprende a ler e escrever, aprende também a conviver com todos e ser um cidadão honesto; cooperamos com os outros, lemos livros, cuidamos da horta, estudamos as matérias de português, matemática, história, ciência e geografia. ( Aluno 01. Entrevista 12/05/2011).*

*É bom por que a gente estuda em grupo a gente vem para a biblioteca para ler um texto.*

*Dinâmica leitura, visita na horta, temos aula de educação física, temos a biblioteca, fazemos parte do projeto alfabetizar com sucesso e cooperativismo (Aluna nº 02. Entrevista 12/05/2011).*

*Em grupo, na horta, na quadra e nas salas.*

*Leitura, escrita e aprende a plantar as mudas e cuidar da natureza. ( Aluna nº 03. Entrevista 12/05/2011).*

*Nós vamos para a horta estudar e nós fazemos educação física, trabalha assistindo filmes e trabalha trazendo coisas do mundo para a aula.*

*Nós fazemos educação física e trabalhamos assistindo filmes vamos para a horta estudar as plantas e estudar acontecimentos do mundo trazendo para a aula. ( Aluno nº 04. Entrevista 12/05/2011).*

*Nós trabalhamos cooperando, ajudando uns aos outros e fazendo silêncio.*

*Nós temos nossos momentos esportivos, nós fazemos trabalho na horta, nós lemos 130 livros por mês, nós temos o transporte que leva e traz da escola. ( Aluno nº 05. Entrevista 12/05/2011).*

Os alunos relatam que na escola eles não aprendem só as disciplinas curriculares, aprendem também a conviver com os outros, a ser um bom cidadão. Eles têm as aulas esportivas, idas para a biblioteca, leituras de livros em sala de aula e atividades nas horta da escola. Na horta, eles aprendem a plantar e a cuidar do meio ambiente. Em geral, os alunos sabem que nessa escola existe um diferencial que é o estudo e a aprendizagem para a convivência com o meio ambiente.

A partir dos relatos, verificamos um envolvimento dos alunos com o trabalho desenvolvido, o que colabora para uma maior aprendizagem e compreensão da realidade estudada.

#### 4.2 A IMPORTÂNCIA DO SEMIÁRIDO PARA EDUCADORES E ALUNOS

O Semiárido é marcado por um desenvolvimento diferenciado quando comparado a outras regiões, pois no decorrer dos anos vêm sendo introduzidas novas infra-estruturas e desenvolvimento tecnológico a exemplo das técnicas de irrigação.

Por isso, a importância dos educadores é de preparar e formar cidadãos que venham desenvolver suas potencialidades através de uma educação para mudanças de atitudes e valores, na formação de um novo conceito de vivência, no semiárido, criando um novo paradigma de ordem econômica, política, social e cultural que possibilite um desenvolvimento sustentável para a população. É preciso construir ações para essa região, objetivando um novo entendimento de que é preciso aprender a conviver com o Semiárido. Esse desafio da convivência tem mobilizado, principalmente, as comunidades do Semiárido brasileiro além de organizações governamentais e não governamentais como por exemplo o INSA (Instituto Nacional do Semiárido) a ASA (Articulação do Semiárido Brasileiro.) e etc.

O Semiárido Brasileiro, ao longo da história, tem sido tema das mais variadas reflexões e objeto de muitas ações dos mais diversos segmentos como a agroindústria, agropecuária, mineração, turismo e outros.

A educação contextualizada, pensada de forma permanente para a convivência com o Semiárido brasileiro nos diversos âmbitos sociais contribui para transformar a comunidade e apontar as necessidades de uma visão sócio-política, teórico-pedagógico e institucional. A contextualização leva à resolução dos problemas do dia-a-dia e coloca os objetivos do ensino próximos da sala de aula.

Dentro da perspectiva de Semiárido, destacamos a partir das falas as idéias que norteiam a prática dos educadores da escola.

*O Semiárido é um ambiente considerado por muitos improdutivo, incapaz de gerar recursos indispensáveis à vida, a manutenção da família, isto pela existência de problemas*

*naturais climáticos como a gota de chuva; é visto como insustentável. (Entrevista-professora 12/05/11)*

*O meu trabalho tem o intuito de promover situações de reinterpretação desta visão de ambiente improdutivo; procuro formar pessoas para o convívio com o Semiárido, capazes de adquirir sua própria sustentabilidade e também a da sua família, através de tecnologias alternativas apropriadas a cada espaço de convivência, promovendo a aprendizagem para a convivência e valorização das especificidades ambientais de base sociocultural e educativa (Entrevista-professora 12/05/11)*

*Geograficamente falando, o Semiárido é uma região de clima árido, onde o volume de água é baixo se comparado a outras regiões do Brasil; seu ecossistema é a caatinga; socialmente essa região é vista na ótica de muito preconceito; costuma ser tratado como um lugar de pobreza, seca e poucas oportunidades; essa visão equivocada do Semiárido brasileiro comprometeu e ainda compromete o desenvolvimento dessa região que apresenta muito potencial, mas que é pouco explorado. (Entrevista-diretora 09/05/11)*

*Semiárido é a região onde vivemos uma das secas mais intensas do nordeste; sua vegetação é a caatinga, de clima seco e quente, sendo também uma área susceptível a desertificação. (Entrevista-coordenadora 09/05/11)*

Existem opiniões diferentes quanto à visão que se tem do Semiárido brasileiro por parte dos educadores da Escola Municipal de Baraúnas. Embora o Semiárido seja uma região mais árida, dificultando as condições de sobrevivência há outras possibilidades de reverter essa visão, em virtude da grande diversidade cultural que existe na região, e isso nos leva a refletir no pensamento de MALVEZZI (2007, p. 09.) “o semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social”.

O Semiárido é um ambiente considerado improdutivo por causa das situações climáticas, mas os educadores da escola têm a preocupação de fazer com que os alunos e comunidades cresçam e se desenvolvam, procurando mudar essa visão destorcida do Semiárido, desenvolvendo técnicas alternativas para a sua sustentabilidade, pensando a cultura criando alternativas para todos. Precisamos descobrir e estudar suas potencialidades, ainda pouco exploradas.

Levando-se em conta que no Semiárido existe um dos biomas mais importante e pouco conhecido-a caatinga, considerada como a principal vegetação, porém a situação é preocupante em virtude do desconhecimento da população a respeito dessa vegetação; essa vem sendo sistematicamente explorada sem nenhuma preocupação com a manutenção da biodiversidade vegetal e dos recursos naturais da região cariri.

Existe uma preocupação muito grande com essa devastação porque isso tem provocado a desertificação, incluindo as atividades econômicas que vêm acompanhada de desmatamento indiscriminado associado à fragilidade natural do solo, como também das práticas das queimadas.

#### 4.3 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS

A prática pedagógica concebe o planejamento como um meio de inovar além de facilitar e viabilizar a democratização do ensino. Seu conceito necessita ser revisto, reconsiderado e redirecionado para uma prática pedagógica, tendo o planejamento como seu instrumento norteador. O próprio espaço da prática pedagógica do educador é o processo de planejamento, bem como seus desdobramentos em elaborar, vivenciar, acompanhar e avaliar planos. Essas práticas podem ser transformadoras e ter a intenção de possibilitar a formação de uma proposta libertadora e social centralizada no sujeito histórico que produz. Como afirma Veiga (1992, p. 16) a prática pedagógica é "(...) uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social". A partir desse contexto os educadores fazem as seguintes afirmações:

*As famílias, as Associações Comunitária, os Sindicatos Rurais, as equipes de saúde estão sempre presente na escola sendo parceiros significativos na nossa proposta de trabalho. (Entrevista-coordenadora 09/05/11)*

*A escola deve trabalhar tudo aquilo que contribua para a formação cidadã do indivíduo. "(Entrevista- professora 12/05/11)*

*O trabalho sendo realizado por educadores, estudantes e famílias é um trabalho capaz de vencer muitos paradigmas; a educação precisa fazer sentido na realidade das pessoas no lugar onde elas estão; esta escola não ‘resolve’ todos os problemas apresentados, mas busca subsídios e estratégias para amenizar cada um deles, satisfazendo assim a comunidade e o povo em geral. (Entrevista-diretora 09/05/11)*

*“Procuro inovar sempre, da melhor forma possível renovando sempre a minha prática pedagógica, buscando novidades para atrair a atenção dos estudantes na transmissão de conteúdos propostos; dinâmicas, músicas, dramatizações, simulações, experimentos, aula-passeio, etc; são algumas das minhas formas de inovação no cotidiano escolar procuro mediar e intervir com segurança no conhecimento que os estudantes trazem, aproveitando o conhecimento individual de cada um para promover um estudo baseado naquela situação, contextualizando-o com a sua prática, com o seu planejamento, conteúdo... é uma troca de conhecimentos entre professor e aluno onde todos aprendem juntos ( o professor é o coordenador principal neste momento).” (Entrevista-professora 12/05/11)*

*O PPP- Projeto Político Pedagógico da escola apresenta uma diversidade de ações e metas a serem desenvolvidas durante o ano letivo em curso estas são distribuídas nos diversos âmbitos escolares e extra-escolares, envolvendo também trabalhos diretos nas comunidades; as metas e ações (parte delas) são desenvolvidas no trabalho em sala de aula através do projeto Cooperjovem, Alfabetizar com Sucesso e da Proposta PEADS- Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável.” (Entrevista- professora12/05/11)*

De acordo com os professores, todo processo de desenvolvimento tem como principais personagens as famílias. Para eles, a família é o primordial em tudo que envolve a escola, como também fazem parte desse processo as parcerias encontradas nas associações, sindicatos rurais e todos os envolvidos nesse processo. O resultado de tudo que foi falado e discutido parte do princípio ético que é a formação do cidadão valorizando a dignidade como pessoa, ao mesmo tempo em que usufrui de seus direitos e respeita seus deveres dentro da sua comunidade. Para tudo isso acontecer é necessário que haja sempre uma troca de conhecimentos entre professores e alunos onde todos aprendem juntos. Todas as ações e metodologias que são desenvolvidas na escola são elaboradas e discutidas

dentro do Projeto Político Pedagógico da escola na qual estão envolvidos todos que fazem parte da comunidade.

Nesse sentido constatamos que o Projeto Político Pedagógico nas falas dos professores, é um importante instrumento que favorece o trabalho da escola. Segundo Vasconcellos (1995, p. 143).

[...] é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição.

O projeto político pedagógico é uma ferramenta metodológica que facilita o trabalho dos educadores refletindo e organizando estratégias para solucionar os desafios que aparecem no dia-a-dia da instituição. É por meio do projeto Político pedagógico que podemos pensar a escola e sua relação com o conhecimento. Segundo LIBÂNEO (1990, p. 75)

A escola é um lugar de ensino e difusão do conhecimento, é instrumento para o acesso das camadas populares ao saber elaborado; É, simultaneamente, meio educativo de socialização do aluno no mundo social. O ensino, como mediação técnica, deve dar a todos uma formação cultural e científica de alto nível; A socialização, como mediação sócio-política deve cuidar da formação da personalidade social em face de uma nova cultura.

É através da escola que os alunos aprendem a elaborar os saberes e a construir o seu próprio meio educativo de socialização com os alunos e com o mundo que o cerca.

Desse modo, percebemos através dos relatos dos professores da escola Municipal de Baraúnas que há uma preocupação com o desenvolvimento pessoal e profissional dos seus estudantes e funcionários, na relevância da temática do semiárido bem como no estudo de suas potencialidades e seus limites.

*Nosso município possui uma política de formação continuada que possibilita que nossos professores recebam uma formação em comum aos das demais escolas. Quinzenalmente reúnem-se por área com o coordenador da secretaria para estudo e elaboração de seqüências didáticas. Outra parte da formação*

*continuada se dá na própria escola, em estudos no contra turno das aulas com o coordenador da escola. (Entrevista-diretora 09/05/11)*

*Trabalhar com a realidade do aluno e valorizar o seu espaço, o ambiente em que vive em suas diversas instancias: social, cultural, econômica... (Entrevista-professora 12/05/11)*

Em se tratando da relação entre professor/diretor existe uma grande preocupação por parte de ambas para aprimorar a formação introduzindo na interdisciplinaridade as questões que envolvem a realidade do aluno.

Considerando o trabalho desenvolvido nessa escola indagamos à professora e à diretora qual seria a importância da comunidade para desenvolver esse trabalho pautado numa educação voltada para o desenvolvimento do meio ambiente de forma sustentável. Vejamos o que dizem:

*Nossa escola hoje atende alunos de onze comunidades cada uma delas apresenta um nível de desenvolvimento social e econômico diferente da outra; temos realidades complexas, de nível econômico baixo e socialmente comprometido. De modo geral as comunidades precisam de apoio, conhecimento e organização para superar seus desafios, percebem também a necessidade de uma intervenção mais eficaz do poder público, especialmente nas comunidades que apresentam vulnerabilidade social.*

*(Entrevista-diretora 09/05/11)*

Falando em realidade podemos dizer que tanto a professora quanto a diretora relata que das onze comunidades que a escola acolhe cada uma tem suas peculiaridades, pois embora elas estejam inseridas na mesma região são distante uma das outras.

Por ter realidades complexas e níveis sociais diferentes, daí a importância de trabalhar utilizando a realidades dos alunos moradores dessas comunidades e estudantes dessa escola.

Para que haja uma discussão nessa dimensão temos que falar na formação cidadã, nos valores e na luta pelos direitos e deveres humanos.

*Considero a formação cidadã como aquela que compromete o indivíduo com o meio que ele vive. Compromete no sentido de*

*agir de forma pró-ativa para que sua realidade ofereça qualidade de vida a todos que fazem parte dela, entendendo que direitos e deveres estão para tornar melhor a vida de cada um. Os valores humanos. O modelo de desenvolvimento que é afirmado faz com que as pessoas não reconheçam o quanto somos dependentes uns dos outros e do meio em que vivemos. A busca intermitente pelo “ter”, “poder”, tem martirizado as relações sociais que se encontram gravemente afetada. (Entrevista- diretora 09/05/11).*

*Em pesquisas diretas nas comunidades detectamos alguns problemas comuns à maioria dos moradores e estes são considerados pela escola que busca parcerias a fim de solucioná-los ou minimizá-los. Como exemplo de problema não solucionado ou... pela escola é a coleta de lixo (casa-a-casa) pelo sistema de coleta municipal e formação de uma cooperativa para a compra de lixo reciclável. Hoje, cada morador é responsável pelo destino do lixo de sua casa. (Entrevista-Professora 12/05/11).*

*A escola deve trabalhar tudo aquilo que contribua para a formação cidadã do indivíduo. ”(Entrevista- professora 12/05/11)*

Os depoimentos nos dar a impressão de que a cidadania compromete a qualidade de vida entendendo que direitos e deveres estão para melhorar a vida de cada um facilitando no enfrentamento de conflitos e relações interpessoais no universo da comunidade escolar, bem como na sua forma de agir pautada na dimensão dos valores humanos.

Portanto, entendemos que a escola na sua função de socializar e de formar cidadãos, deve ser antes, uma instituição cidadã, favorecendo a formação de mentes livres para atuarem em um mundo em constante modificação, uma escola propiciadora de uma educação baseada na constante argumentação, onde o desejo de mudar seja a potência de agir e a força de existir.

Para Zenaide (2007, p.140.) “Cuidar dos conflitos pode significar manter a escola como um espaço político-pedagógico formador dos sujeitos políticos e atores sociais. Cuidar dos conflitos pode significar: cuidar das pessoas”. Portanto o cuidar envolve também enfrentamentos.

Os atores escolares trabalham de forma distinta para solucionar problemas exercitando os diálogos nas situações de crise e promovendo a mediação com as partes.

A escola desenvolve seu trabalho através de projetos onde o tema gerador da semana que passei na escola foi “Abolição: que liberdade é essa?”

#### 4.4 ABOLIÇÃO: QUE LIBERDADE É ESSA? : UM TEMA GERADOR

De acordo com o projeto alfabetizar com sucesso, foi trabalhada no decorrer de uma semana a temática “Abolição: que liberdade é essa?” de acordo com a professora o objetivo dessa temática era de promover atividades que proporcionasse reflexões e questionamentos ao verdadeiro sentido da liberdade, o que é ser livre, aproveitando também para discutir os preconceitos ainda existentes em nosso país, principalmente, em relação à raça.

Dessa forma, observamos atividades na área de leitura de textos para compreensão e interpretação de todos, como também as dimensões da sala de aula para identificar algumas formas geométricas. Para isso, na atividade de casa, a professora pediu para que cada aluno fizesse as dimensões gráficas (arestas, vértices...) dos seus respectivos quartos.

No dia seguinte, foram apresentados os resultados, comparados e discutidos de acordo com o que cada um fez em casa. Ainda foi feita leituras reflexivas “A ratoeira- O problema de um pode ser o problema de todos”, “A cor do homem, “O uirapuru”, “Maneira de ser feliz” e abordagem sobre conhecimento prévio para se observar as condições de liberdade e preconceitos existentes em todo o nosso cotidiano. Uma das reflexões abordada foi “*Ainda existe escravidão no Brasil hoje? “Em nossas comunidades?”*”.

Outro fator fundamental para a compreensão do alunado é o fato deles sempre realizarem aulas práticas, a exemplo nessa semana, a atividade era a organização de uma horta, onde todos aprenderam a plantar legumes de forma sustentável, sendo que antes eles têm aula teórica sobre a organização do espaço em um todo e também sua importância para a escola. Ou seja, é fundamental desenvolver atividades interdisciplinares que levem os alunos a uma maior compreensão de sua realidade.

#### 4.5 HISTÓRICO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BARAÚNAS DE SÃO JOSÉ DO EGITO/PE

A Escola Municipal Baraúnas está localizada no Sítio Baraúnas, distância de 20 km da sede do município de São José do Egito. Seu nome originou-se graças a grande incidência de um tipo de árvore típica do Sertão, a Baraúna.

Sua trajetória se inicia a partir da família do Sr. Luiz Camilo de França, agricultor, que instalado na comunidade, desenvolve suas atividades e educa sua família. Passando sua propriedade para o Sr. Ozório Cassiano Pereira, pai da primeira professora da escola, a Sr<sup>a</sup>. Alexandrina Cassiano Pereira, que, recém formada, começa a lecionar pela usina do Sr. Valfredo Siqueira, Deputado Federal da época. As aulas aconteciam em uma casinha de taipa da família.

Fundada legalmente em 1977, recebe o nome de Escola Municipal Baraúnas na gestão do então Prefeito, o Sr. Raimundo Eufrásio Muniz. Os anos vão se passando e novos alunos são recebidos pela escola que em condições precárias dá seus primeiros passos.

Em 1981, na gestão do prefeito José Marcos de Lima, o vereador, Arlindo Brito elabora um projeto de construção da escola que é aprovado e concluído em 1984. O novo prédio possuía uma sala de aula, dois banheiros, um terraço, uma cozinha e um depósito para merenda.

Tendo um acentuado aumento no número de alunos, a escola passa a funcionar em dois turnos, por determinação da Secretária de Educação da época, a Sr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Leite, popularmente conhecida por Lúcia de Tião.

Em 1999, a escola passa por uma reforma para construção de duas salas de aula. Nesse mesmo ano, aposenta-se a primeira professora da escola com mais de 30 anos de atividade na comunidade. Na ocasião, a escola já responde pelo Ensino Fundamental, na época, chamado de ensino primário, atendendo crianças das comunidades circunvizinhas.

Mediante o acentuado crescimento da comunidade e efetivo trabalho pedagógico da escola, em 2003, a Secretária de Educação, a Sr<sup>a</sup> Ilma Aragão, resolve criar a primeira turma de 5<sup>a</sup> série, que seria constituída pelos alunos da própria escola e advindos das escolas Joaquim Marciano, Pau Leite, Juazeirinho e Picadas; alunos esses que se deslocavam para Riacho do Meio ou Tabira para continuação de seus estudos. A implementação do segundo segmento do Ensino

Fundamental aumentou a necessidade física e pessoal da escola, que na ocasião ganhou mais uma sala de aula, nessa época o corpo docente da escola era constituído dos professores: Elaine de França Brito Batista e Luciana Gomes de Lima, que tinham suas salas ainda multisseriadas; a primeira turma do Ensino Fundamental II tinha como professores, Edivânia Gonçalves Patriota, Junior Campos, Zirleide Leite da Silva e Evânia Gonçalves Patriota.

O espaço físico da escola atualmente é constituído de 07 salas de aula, 01 secretaria, 01 cozinha, 04 banheiros, 01 biblioteca, 01 almoxarifado, 01 auditório e 01 quadra poli esportiva.

#### 4.6 UM POUCO DA ROTINA DA ESCOLA

Para melhor compreensão da escola apresentaremos algumas de suas características, bem como elementos da sua rotina diária.

Para chegar à escola, cinco ônibus percorrem 104 km, passando em treze comunidades: Olho d água da Conceição, Conceição, Picadas, Vassoura, Queimada do Cavalo, Juazeirinho, Fazenda Nova, Logradouro, Pau Leite, Volta, Riacho de Cima, Malhada Vermelha e Baraúnas.

O ônibus transporta estudantes e professores das comunidades em clima de receptividade, afetividade e cuidados. Todos que utilizam o ônibus procuram ajudar uns aos outros, demonstrando maiores cuidados com as crianças menores. Ao entrar, as pessoas são sempre cumprimentadas e acolhidas por aqueles que já estão no transporte, o que demonstra um clima de harmonia e educação entre os passageiros.

Ao chegar na escola todos se encaminham para suas filas, objetivando cantar o Hino Nacional e em seguida irem para as salas de aula. As crianças da creche, logo na chegada, são recebidas com um café da manhã (pão e um copo de leite). Os mesmos ficam até o meio dia.

A escola está localizada na Zona Rural, possui um jardim com vários tipos de hortaliças, aos cuidados de um funcionário que é técnico em agronomia; a escola possui cinco funcionários distribuídos entre o serviço da cozinha e limpeza; temos 15 professores e 250 alunos.

A escola é organizada de modo que os horários são distribuídos de acordo com a rotina diária da escola entre o estudo em sala de aula, intervalo para o lanche, roda de leitura na biblioteca e brincadeiras.

A escola é organizada e dividida em zonas; cada zona representa um espaço, uma parte da escola com o objetivo de organizar o monitoramento do espaço escolar, por exemplo: A ZONA-0 é onde está o prédio da escola, o jardim, o canteiro bolo, horta espiral suspensa e plantas; ZONA-1 ficam: galinheiro, canteiros, canteiros buraco de fechadura, caixa d água, horta espiral, canteiro estrela, minhocário e sementeira; ZONA-2 encontra-se: a quadra, agro floresta e quebra vento; ZONA-3 ficam o pomar, plantas diversas, quebra vento e cerca; ZONA-4 temos agro floresta e quebra vento e, por último ZONA-5 onde encontramos a agro floresta nativa e quebra vento.

Além do projeto Praticando, a Coordenação a Serviço do Meio Ambiente a escola também é contemplada com o alfabetizar com sucesso, Coperjovem<sup>5</sup> a PEADS<sup>6</sup>.

Os professores trabalham com agenda diária, planejamento semestral e também a rotina semanal. Há um crachá que fica em cima da mesa da professora, esse crachá contém o nome da professora da turma para controlar a entrada e a saída de alunos da sala, com isso só sai um aluno por vez, por exemplo: quando um aluno precisa ir ao banheiro, ele pega o crachá e coloca no pescoço para poder sair: ao voltar, devolve o crachá, e assim ao poucos todos podem sair da sala para resolver algum assunto, é que o próximo aluno pode ir; esse processo todo serve para o controle total da escola.

---

<sup>5</sup> O Programa Cooper jovem foi adotado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) com o objetivo de fomentar o cooperativismo por meio da escola.

<sup>6</sup> PEADS criada pelo Serviço de Tecnologia Alternativa- SERTA- (Proposta Educacional de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável - uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo. Porque é tempo de educar.)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas educacionais produzidas por toda equipe da escola, veiculadas à Secretaria de Educação de PE exigem uma constante análise das intenções e fazeres pedagógicos, voltados para o ensino-aprendizagem, considerando o contexto do espaço escolar. Tal contexto, faz parte da vida dos sujeitos, produzindo identidades socioculturais, significados, cuja trajetória expressa modos curriculares produzidos e registrados pelo legado histórico.

Como conjunto de experiências reveladoras e produtoras dos sujeitos, defendemos que o currículo escolar deve ser significado mediante a educação contextualizada, produzido a partir dos saberes dos indivíduos que compõe o espaço escolar.

O conceito de educação contextualizada nos remete à interação entre sujeito-sujeito, sujeito- contexto e contexto-escola, num movimento pedagógico triangular e constante com interação produzida individual e coletivamente pela transmissão da memória coletiva, dos valores e das tradições produzidas em diferentes comunidades e grupos culturais. É no trabalho com a diversidade que a escola deve conhecer o contexto em que se insere, valorizando e problematizando as diferenças postas pelas subjetividades dos sujeitos e das formas de vida

No complexo contexto, a instituição escolar em questão tem representado através dos resultados finais uma grande importância na formação humana, na formação de crianças, de jovens e de adultos nos aspectos intelectuais, profissionais, éticos e políticos.

A educação escolar contextualizada representa e assegura aos diversos grupos sociais e culturais seus direitos e deveres, sendo assim uma ótima ferramenta que irá contribuir para o desenvolvimento dos países. A aprendizagem contextualizada está associada à preocupação de não deixar que os alunos vivam na condição de meros espectadores passivos, mas que produzam uma aprendizagem significativa que desenvolvam o conhecimento espontâneo caracterizado pela descoberta em direção ao conhecimento científico. Nesse contexto, a contextualização aproxima-se cada vez mais da valorização dos saberes prévios dos estudantes.

A idéia de contextualização também aparece no dia-a-dia ligada à valorização do cotidiano e aos saberes escolares que devem ter questões concretas

da vida dos alunos. A contextualização deve estar unida ao processo produtivo do conhecimento escolar, por intermédio dos conteúdos didáticos e da visão de que esse conhecimento não deve ter por referência apenas o conhecimento científico. A educação não é somente uma ação de preparar e de formar o estudante para uma determinada atividade, mas, sobre tudo defende a idéia de que o educando vai formando e construindo a sua autonomia por meio da pesquisa.

O presente trabalho buscou uma relação dialógica na construção dos conhecimentos educacionais para as diversas disciplinas dentro da realidade da educação do campo na escola por parte dos professores e sociedade. A preocupação central foi retratar as possibilidades de uma prática pedagógica, contextualizada, configurada num estilo de inclusão que ofereça várias alternativas com a riqueza de informações que se faz necessária para uma interação entre escola/ comunidade.

É inquestionável a importância da interação social nas práticas pedagógicas na realidade rural. O educador deverá avaliar-se continuamente, buscando na teoria respostas para a sua prática. Ou seja, o educador deve teorizar a sua prática e colocar em prática sua teoria.

Concluimos que a equipe da escola está caminhando em direção à prática pedagógica contextualizada conquistando seu espaço por meio dos projetos que estão inseridos na escola valorizando suas raízes e sua verdadeira história, dentro de uma postura crítica coerente com a realidade do semiárido.

Na fala dos alunos a idéia é que a escola é muito boa, que o trabalho deles é prazeroso: ambos têm a idéia de que sua professora está sempre preocupada com o seu desenvolvimento escolar e com tudo que acontece em sua volta. Para eles é muito importante o convívio da professora com todos de sua família e é claro que com a ajuda da família a professora tem como desenvolver uma prática educativa que contribua no seu trabalho.

Para a escola, a educação contextualizada é trabalhada de forma global apesar de ser considerada um desafio, é através dessa prática pedagógica que os docentes fazem com que os alunos reflitam sobre seu papel na construção de sua aprendizagem bem como no desenvolvimento de sua comunidade e da sociedade em geral. A comunidade escolar como um todo está envolvida no processo de aprendizagem compartilhando um único objetivo que é trabalhar a partir do

conhecimento prévio dos alunos e da realidade das comunidades que a escola acolhe.

É evidente que, somente a educação, não resolverá os problemas sociais das famílias do campo. Serão necessárias outras políticas nas áreas do semiárido para que as populações que optarem em residirem e trabalharem no campo vivam com mais dignidade. Para isso se concretizar, é relevante buscar novas propostas como as cisternas de placa consistentes e condizentes com a realidade do semiárido, para construção de uma escola do campo de qualidade com infra-estrutura que possibilite o acesso recursos indispensáveis da natureza de modo sustentável, revelando alternativas para o desenvolvimento da região contextualizada com a suas necessidades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos:** apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRUZ NETO, Otávio. **O Trabalho de Campo como descoberta e Criação.** In: MINAYO, M.C. de Sousa (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Paz e Terra, dezembro de 2004.

GRISPINO, Isabel Sadalla. **Contextualização da Educação.** Julho/2005. Disponível em: [http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1508:contextualizacao-da-educacao&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456](http://www.izabelsadallagrispino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1508:contextualizacao-da-educacao&catid=103:artigos-educacionais&Itemid=456) Acesso em: 23/08/2011.

GVAA, Grupo Verde de Agricultura Alternativa. **Tecnologias de convivência com o Semiárido, Alternativas viáveis para a Agricultura Familiar no oeste do Rio Grande do Norte.** INFOTECNARIDO (Mossoró-RN- Brasil) v.3, n.1, p.12-24 janeiro-dezembro de 2009. Disponível em <[WWW.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/download/453/474](http://WWW.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/download/453/474)> .Acesso em 04/09/2011.

IBGE. **Indicadores de desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2009.

LIBÂNEO, Cipriano Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo: Loyola, 1990.

LIMA, E.S. Educação contextualizada no semiárido: reconstruindo saberes, tecendo sonhos. In: RESAB. **Educação e convivência no campo:** analisando saídas e propondo direções.6 Juazeiro: Selo editorial RESAB, 2006.p. 35-48.

\_\_\_\_\_, Elmo de Souza. **A formação continuada de professores no Semi-árido: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos.** 2008. 240f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido-uma visão holística.** 1ª Ed.-Brasília: Confea, 2007

MALVEZZI, Roberto (Gogó). Portal: [Ecodebate]. **O que mudou no semiárido: o clima ou a realidade?** 17 ago 2010. Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2010/08/17/o-semiarido-mudou-artigo-de-roberto-malvezzi-gogo/> Acesso em 19 ago 2011.

MARTINS, J. Anotações em torno do conceito de educação para a convivência com o semi-árido. In: RESAB. **Educação para a convivência com o semiárido: reflexões teórico-práticas.** Juazeiro: Selo Editorial RESAB, 2006. P. 37-66.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

MOURA, Abdalaziz de. 1942- **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável-PEADS: uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo /** Abdalaziz de Moura- Glória de Goitá, PE: Serviço de tecnologia Alternativa, 2003.

OLIVEIRA, Jame Alencar de. **O Fazer Pedagógico.** 15/09/2007. Disponível em: [http://professorjamealencar.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18&Itemid=5](http://professorjamealencar.com/index.php?option=com_content&view=article&id=18&Itemid=5) Acesso em: 23/08/2011.

PCN, **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: A Secretaria, 1998.

PRADO, Franciasco Gutiérrez Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária.** Tradução Sandra Fabricco Valenzuela. 3. ed. – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002.

PATTO, Maria Helena S. **A produção do fracasso escolar.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

RESAB. **Educação para a Convivência com o Semiárido; Reflexões teórico-práticas.** 2ª Ed. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro, Selo Editorial-RESAB, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3.ed.-Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 8a. ed. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985

SCHON, Donald A. Formar Professores como Profissionais Reflexivos. In: NOVOA, Antonio. **Os professores e a sua Formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade – Uma Identidade às teorias do currículo**. Belo Horizonte. Autêntica: 1999.

SOUZA, I. **A gestão do currículo escolar para o desenvolvimento humano sustentável do semi-árido brasileiro**. São Paulo: Peirópolis, 2005.

SOUZA, João Francisco de. **E a educação popular: ??Quê ?? uma pedagogia para fundamentar a educação, inclusive escolar, necessária ao povo brasileiro**. Recife: Bagaço, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1992.

ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares. **Ética e cidadania nas escolas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2003. 259p.

**APÊNDICE A - QUESTÕES DA ENTREVISTA DA  
PROFESSORA, COORDENADORA E DIRETORA.**

### **Questões da entrevista da professora, coordenadora e diretora**

1. Como você trabalha na escola?
2. Qual a prática pedagógica vivenciada por vocês?
3. Trabalham com a educação contextualizada?
4. O que é para você a educação contextualizada?
5. O que é contextualização?
6. Para vocês o que a escola deve trabalhar?
7. O que é importante para a vida do aluno e da comunidade?

**APÊNDICE B - QUESTÕES DA ENTREVISTA  
APLICADA AOS ALUNOS**

### **Questões da entrevista aplicada aos alunos**

1-Como você trabalha na escola?

2-O que vocês fazem na escola?

3-Vocês gostam da escola? Sim ou Não? Por quê?

4-Quais as experiências que vocês têm?

5-Qual a diferença entre essa escola e outras? Quais? E por quê?

6-O que vocês aprendem na escola vocês utilizam em sua vida.